



Reconfigurações do imaginário na contemporaneidade

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

Este número 24 de aSEPHallus reúne principalmente artigos que nasceram do nosso debate no XVI Simpósio da ANPEPP, em Maceió, durante o mês de junho de 2016. Partimos da perspectiva inaugurada por Michel Foucault de que haveria, desde o advento da modernidade, um rebaixamento geral da lei simbólica à norma social. Quando o pacto simbólico é rebaixado ao nível do contrato intersubjetivo – isto é, quando a responsabilidade subjetiva devém responsabilidade do Estado – o sintoma histérico, neurose clássica, poderia dar lugar às neuroses de caráter, à psicose ordinária e às perversões banais. Pudemos nos aventurar na via aberta por Jacques Lacan, que em 1972 (Lacan, 1974), se perguntava se o império da norma seria muito mais rigoroso do que a lei simbólica, o Nome-do-Pai e a soberania. O *supereu*, instância psíquica *intersubjetiva* deu lugar ao *supersocial*? Constatamos que em nossa época, os comitês de pares decidem *intersubjetivamente* quais devem ser as normas sociais. O que foi feito da lei e da função simbólica do Nome-do-Pai?

Isto posto, como é que os corpos falantes (fragmentados pela pulsão) efetuam a nova ação psíquica que engendra o imaginário do narcisismo (eu ideal), sem a função simbólica do Nome-do-Pai (ideal do eu) como horizonte simbólico? Para pensar essa questão, valorizamos os discursos hegemônicos na contemporaneidade (relativismo pós-moderno, hedonismo hipermoderno, multiculturalismo politicamente correto). A pluralização dos Nomes-do-Pai, a ascensão do objeto *a* ao comando da civilização, o declínio do mecanismo psíquico do recalque da sexualidade e a hegemonia das formações reativas na constituição do caráter, apontam que em lugar do supereu, a moral de grupo (tribalismo) se impõe como novo modo de regular os corpos falantes. Agora, precisamos nos perguntar se esse novo narcisismo - com sua repercussão no âmbito da função do eu - pode ser ainda uma via autêntica para que a pulsão encontre no mecanismo psíquico da sublimação os meios para configurar um novo imaginário. Pode-se evitar a redução da consciência crítica e da divisão subjetiva à mera identificação com o semelhante, com o par, com o igual? A saída pela sublimação pode enfrentar o império dos objetos, das imagens e da lei do mercado em que mergulhou a civilização contemporânea?

Com a colaboração da recém doutora Flávia Lana Garcia de Oliveira, produzi esta pesquisa acerca da atualidade dos termos caráter e personalidade. Apresentamos um estudo sobre as definições de personalidade e caráter na psiquiatria clássica, na metapsicologia freudiana e na literatura psicanalítica, para pensar os desafios impostos ao psicanalista pelas neuroses contemporâneas. Seguindo Miller, partimos do caráter como a noção advinda do campo da psiquiatria que prefigura o resto não interpretável que habita o sintoma enquanto conjunção do sintoma com o caráter. Freud distingue sintoma e caráter. Reich e Fenichel situam, respectivamente, as couraças do caráter como efeitos patogênicos da coerção civilizatória e os transtornos da personalidade que testemunham a dissolução da diferença entre sintoma e caráter. Antecipam assim a noção lacaniana de sintoma e permitem problematizar a incidência problemática da sublimação na constituição subjetiva.

Lucia Helena Carvalho dos Santos Cunha interroga os efeitos das reconfigurações narcísicas contemporâneas do comportamento profissional. O estudo psicanalítico do *burnout* entre médicos traz subsídios sobre mudanças da mentalidade que exigia desses sujeitos uma renúncia ao gozo imediato de seus interesses particulares, em prol do ideal missionário. O caráter e o comportamento ético requeriam a sublimação como um destino pulsional para a regulação dessa economia de gozo. Quando a saúde devém uma mercadoria, o *burnout* como sintoma indica um fracasso deste arranjo tradicional, evidenciando que a dessublimação conduz ao transtorno de personalidade.

No rastro de uma pesquisa acerca da sublimação, o encontro íntimo com o saber se desdobra nos dois artigos que se seguem. Arte e psicanálise, o teatro e o ator são o tema que abordam Libéria Neves e Ana Lydia Santiago. A arte constitui referência constante nos escritos e estudos em psicanálise – ora como protagonista, ora como coadjuvante. Reflexões de Freud e de Lacan sobre o tema encontram-se dispersas em inúmeros de seus trabalhos, geralmente mais conhecidos por centrarem-se em outras temáticas específicas. Enquanto em Freud verifica-se a arte numa relação com o Simbólico, em Lacan pode-se perceber um giro que apresenta um modo de colocar a arte em uma relação determinante com o Real. Resgatando elementos das estéticas lacanianas, destaca-se o teatro como uma prática simbólica a qual assinala e encontra a dimensão irreduzível ao Simbólico – o Real.

Bruna Simões de Albuquerque e Ana Lydia Santiago apresentam o diário de campo das entrevistas de sua pesquisa com jovens e com escritores, que visa investigar a dimensão da invenção a partir das linguagens artísticas urbanas. Buscaram apreender o modo como se dá o tratamento particular da linguagem feito por cada sujeito. Primeiro, fizeram uma leitura daquilo que observaram e aprenderam com o percurso das entrevistas: quem entrevistaram, o que quiseram saber, efeitos dos encontros e desencontros. Depois, aquilo que foi possível isolar: uma lógica de saída do túnel da adolescência, onde a delicada transição revela-se por meio da linguagem e da invenção. Tal lógica é apresentada por meio de um fragmento muito interessante de uma entrevista com uma jovem do rap.

Rosa Guedes Lopes recorda que, no mundo moderno, educar era submeter os indivíduos às configurações simbólicas de uma época, cultura e lugar. Sob a primazia do simbólico significava enquadrar o funcionamento subjetivo de acordo com os papéis sociais, desenvolver a autonomia, a capacidade crítica necessária para julgar a realidade, bem como a responsabilidade para com as ações decorrentes. A escola dava prosseguimento a esta tarefa propiciando educação e socialização secundárias. A desobediência às regras podia e devia ser punida para restituir a medida do comportamento. Os atos de violência, geralmente individuais, podiam ser reprimidos com o amparo da instituição e o devido consentimento da família. A subjetividade contemporânea foi erigida sob a chancela do "é proibido proibir". Essa máxima desmente o real como impossível, aniquila os efeitos do recalque, abala as configurações simbólicas produzindo efeitos de ruptura no laço social. A violência é uma das manifestações da ruptura do tecido simbólico. Justamente, é o avesso dos efeitos sublimatórios.

Convidado a testemunhar sobre seu encontro singular com os *Escritos* de J. Lacan, Antônio Teixeira afirma que não há apropriação teórica desse livro que possa ser dissociada do significado testemunhal de sua aquisição. No transcórre deste artigo, o autor contextualiza a publicação dos *Escritos* em relação aos efeitos da recente fundação da Escola Francesa de Psicanálise e ao imperativo ético de restituir o sistema de pensamento em que o texto freudiano, deturpado em sua apropriação instrumental pelo contexto da *ego-psychology*. Sem dúvida, uma reflexão importante sobre os efeitos sublimatórios e dessublimatórios que a obra de Freud sofreu ao longo de sua transmissão

Angélica Cantarella Tironi defende a tese de que o desmentido é um artifício utilizado pelo clínico para lidar com a existência do Outro. As grandes narrativas comunitárias que veiculavam as tradições deram lugar a uma multiplicidade de pequenos pactos acordados entre pares. Reconfigurados imaginariamente como tribos monossintomáticas, com uma retórica, objetos e significantes próprios que os identificam e isolam do discurso universal, os novos neuróticos procuram universalizar seu modo particular de gozo, desmentindo de modo banal a castração e propagandeando o direito à satisfação irrestrita da pulsão. As pulsões nas neuroses clássicas entram em conflito com a moralidade, o que se resolve por meio de formações de compromisso: os sintomas. Diferentemente, nos novos sintomas, é a dessublimação que prevalece: a empatia, a vergonha e a moralidade coexistem em harmonia com a violência, a obscenidade e a impulsividade.

Maria Cristina da Cunha Antunes aborda as conclusões extraídas de uma investigação clínica com uma amostra de mulheres obesas. Na orientação lacaniana, o Outro na contemporaneidade não existe. Esse rebaixamento do simbólico reduz os sintomas a soluções para conter o gozo sem a primazia do significante. A configuração familiar em torno do discurso religioso, evidencia que para algumas mulheres o Outro é bastante consistente. Para essas famílias, Deus (o pai) tudo pode. A função paterna está presente, mas é encarnada de modo a desmentir a castração. Filhas de um pai

(filhas de Deus) poderoso, elas acreditam que o homem sempre pode cuidar e prover, incapazes de ir além do pai pela via da sublimação.

Douglas Nunes Abreu discute a psicopatologia da dessublimação em jogo nas soluções identitárias, como efeito das reconfigurações do imaginário na contemporaneidade. Aponta os marcadores históricos na psicopatologia que contribuíram para a emergência de uma nova modalidade de laço social, como no caso do autismo e da bipolaridade. A pluralização do Nome-do-Pai enseja a constituição de tribos monossintomáticas que reivindicam ser tratadas como categorias identitárias autônomas, dotadas de uma lógica própria e que, inclusive, não devem ser consideradas senão como um desvio normal do padrão.

Cleyton Andrade faz considerações sobre semblantes, o fenômeno da violência e concepções de política. Aborda a violência constitutiva de semblantes que funcionam como aportes identitários; como reação ao insuportável da diferença; e decorrentes de uma política de estado. E por fim, interroga se haveria uma forma de pensar a política e a democracia como impossíveis, e consequentemente como modos de um pensamento que devam incluir o Real. Que é o que fazemos, quando a sublimação prevalece sobre o recalque e as formações reativas narcísicas?

Flavia Lana Garcia de Oliveira resenha o livro de Slavoj Zizek, *Como ler Lacan*, em "Vida longa à psicanálise".

Espero que nossos leitores apreciem o cardápio que lhe oferecemos a partir de nosso trabalho no GT da ANPEPP sobre as reconfigurações do imaginário na contemporaneidade.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (mai. a nov. 2017). Reconfigurações do imaginário na contemporaneidade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(24), 1-4. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n24p1-4.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/10/2017 / 10/10/2017.

Aceito/ Accepted: 10/10/2017 / 10/10/2017.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.